

VOZES E COMUNICAÇÕES QUE SE CONSTROEM: A INSERÇÃO DE ADULTOS-JOVENS GAYS NA RESISTÊNCIA GLBT

Felipe Luckmann¹

Janice de Oliveira Castilhos Vitola²

RESUMO: A presente investigação procurou dar voz a jovens que se propuseram a “dar sua voz” ao movimento GLBT, fortalecendo o processo de resistência à homofobia. Procurou ainda investigar sobre quais circunstâncias e motivações jovens gays decidiram engajar-se em movimentos pró-GLBT’s, além de investigar os sentimentos, dificuldades e mudanças sofridas por estes jovens no seu processo de conscientização e em seu aprendizado diário em viver como indivíduo ativo na comunicação anti-homofobia. Através das entrevistas realizadas com cinco ativistas, depreende-se a construção de identidade como motivador fundamental para o ingresso nos movimentos de resistência, além de ser uma oportunidade para conscientização e mudança de representações sociais destes participantes.

ABSTRACT: This research has the purpose to give voice to young people who work in the gay movement, strengthening the process of resistance to homophobia. Furthermore, this research investigates in what circumstances and motivations young gays decided to engage themselves in pro-GLBT's movements, and investigate the feelings, challenges and changes experienced by these young people in the process of awareness and in their daily learning to live as active individuals in the anti-homophobia communication. Through interviews with five activists, we learned that construction of identity is the key motivator for entering these movements of resistance.

PALAVRAS-CHAVE: Gays, identidade, comunicação, resistência, ativismo.

INTRODUÇÃO

Desde o final da década de 60, o movimento homossexual vem ganhando visibilidade e força no ocidente (SPENCER, 1996). No Brasil, a 11ª Parada do Orgulho GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) em São Paulo, realizada em 10 de junho de 2007, reuniu mais de 3,5 milhões de pessoas entre homossexuais, bissexuais, simpatizantes e transgêneros, um recorde de público (FOLHA ONLINE, 10 jun. 2007). Tais eventos, símbolos do movimento anti-discriminação a gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, vêm ocorrendo em inúmeras cidades do país, com um número crescente de participantes. É oportuno, portanto, investigar sobre quais circunstâncias e motivações jovens gays decidiram engajar-se em movimentos pró-GLBT’s, além de investigar os sentimentos, dificuldades e mudanças sofridas por estes jovens no seu processo de conscientização e em seu aprendizado diário em viver como indivíduo ativo e engajado em seu mundo. O preconceito, apesar de decrescente,

¹ Aluno de Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAPSI/PUCRS). E-mail: felipelu86@gmail.com.

² Graduada em psicologia e mestre em psicologia clínica. E-mail: javitola@terra.com.br.

ainda é forte em nossa cultura (GIDDENS, 2004), o que leva à questão de como e por que estes jovens resolvem enfrentar este *estado de coisas*, apesar das sanções e agressões que podem sofrer. Além disso, busca-se, através do presente trabalho, dar voz a jovens que se propuseram a “dar sua voz” ao movimento GLBT, fortalecendo o processo de resistência ao preconceito acima mencionado.

Certamente, participam do ativismo GLBT pessoas com diferentes orientações sexuais, gêneros e idades. Porém, com o objetivo de delimitar o foco, os participantes desta pesquisa foram jovens do sexo masculino, homossexuais, com a idade entre 20 e 29 anos. Como apontado anteriormente, as atitudes da sociedade em relação à homossexualidade têm mudado nos últimos anos, daí a importância na delimitação da idade, já que pode-se inferir que indivíduos na mesma faixa etária passaram pelos processos de entrada no ativismo vivendo um contexto cultural-social semelhante, ao menos na dimensão temporal. Cabe ainda ressaltar que na adultez-jovem, segundo Erikson, após a crise de identidade da adolescência, com a resolução do conflito identidade versus confusão de identidade, há a possibilidade para o comprometimento e fidelidade a ideais e uma identificação com valores, grupos e movimentos políticos (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Há ainda as diferenças entre os universos gay e lésbico, cada um tendo suas particularidades. Desta forma, escolheu-se delimitar os participantes da presente investigação ao sexo masculino.

O presente estudo teve como objetivo, primordialmente, explorar as mudanças e aprendizagens por que passaram os ativistas no ingresso na militância GLBT e na atuação dentro da mesma, principalmente no que se refere à construção de suas identidades e de suas visões de mundo. Buscou-se, ainda, na medida do possível, pensar contingências anteriores que tiveram alguma influência na construção de suas identidades e de que forma elas estavam ligadas ao ingresso nos movimentos de resistência, como, por exemplo, o contexto familiar.

Para atingir tais objetivos, foram interrogados 5 jovens adultos, homossexuais, do sexo masculino, com idades entre 20 e 29 anos, que estão ligados ao ativismo GLBT. Estes participantes foram buscados junto a três diferentes ONG's da cidade de Porto Alegre que trabalham para a promoção dos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. As enquetes foram gravadas, com o consentimento dos participantes, realizadas no segundo semestre de 2007, e após foram transcritas. A enquete consistia em seis perguntas, abaixo relacionadas:

- Quando e como foi sua primeira experiência na militância GLBT?
- Em que momento decidiu entrar na militância? Já havia pensado em engajar-se em lutas sociais anteriormente? Teve apoio da família?
- Consegue descrever motivações que teve para ingressar na militância? Essas

motivações permanecem ou se alteraram?

- Teve a influência de modelos? Pode citá-los? Qual foi a importância deles?
- Fez algum curso de formação? Considera esses cursos importantes? O que aprendeu?
- Pode descrever como a militância alterou a sua visão de si mesmo e do mundo em geral?

Por tratar-se de uma investigação qualitativa, preferiu-se utilizar as perguntas acima somente como um guia e estrutura para a realização das enquetes, tendo ocorrido pequenas variações nas formulações das perguntas e na ordem das mesmas, de acordo com o contexto, sem prejuízo dos objetivos da presente pesquisa.

Buscou-se ainda subsídios teóricos para a compreensão do fenômeno em foco. Foi erigida então uma fundamentação teórica, com tópicos pertinentes ao estudo dentro da psicologia do desenvolvimento, psicologia social e psicologia da aprendizagem, além de se demonstrar brevemente a construção histórica e social da homossexualidade, a fim de contextualizá-la.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A temática a ser investigada - a inserção de adultos jovens gays no ativismo GLBT - e seus recortes, exigem um olhar sobre este fenômeno de diferentes perspectivas. Desta forma, privilegiou-se uma abordagem multidisciplinar.

Faz-se necessário, primeiramente, fazer um breve esboço da construção da homossexualidade enquanto característica identitária dentro da cultura ocidental para, a seguir, trazer a questão da identidade dentro de uma perspectiva desenvolvimentista, trazendo o foco para as questões peculiares da homossexualidade.

Por tratar-se ainda de uma investigação acerca de fenômenos de aprendizagem dos ativistas participantes na pesquisa, é imprescindível a retomada de conceitos fundamentais dentro do tema, onde o foco escolhido foi os processos de aprendizagem social, que privilegiam processos de comunicação e modelagem.

Por fim, pelo objeto do estudo estar ainda intimamente ligado a questões políticas e sociais, procurou-se um esboço de conceitos importantes como consciência/alienação, ação e ideologia.

1.1 A construção histórica-social da homossexualidade e seu contexto atual

O termo homossexual, para designar sujeitos que adotam todo um conjunto de relações erótico-afetivas com outros sujeitos do mesmo sexo, passou a ser utilizado no

Ocidente (na Europa, mais especificamente) a partir da década de 60 do séc. XIX, tendo sido utilizado pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert, num contexto em que a medicina começava a se debruçar sobre a homossexualidade, tratando-a como uma anomalia/patologia. (Spencer, 1999, p. 274; Giddens, 2005, p.132)

Portanto, essa noção de indivíduo homossexual parece não ter existido antes dessa época (Giddens, 2005, p. 132). Antes disso, por exemplo, falava-se em sodomia, que se referia não somente a práticas sexuais entre homens, mas a qualquer prática que desviasse do matrimônio e do propósito reprodutor em si, ou seja, práticas consideradas desviantes: sexo anal tanto entre homens como entre homens e mulheres, sexo com animais, etc. Estes indivíduos eram condenados em termos religiosos, portanto, eram demonizados. Principalmente a partir do século XIV, a sodomia estava muito ligada a feitiçaria e ao demonismo, estando seus praticantes sujeitos à condenação de morte na fogueira. (Spencer, 1999, p. 119-123). Após o olhar religioso para estas práticas, adveio ainda o olhar criminal, ou seja, a homossexualidade era vista como delito, sendo estas condutas sexuais criminosas, devendo portanto o indivíduo que as praticasse ser punido por elas. (Spencer, 1999).

Foi, portanto, após a mudança do foco religioso/criminal para o foco médico sobre as praticas sexuais e afetivas entre indivíduos do mesmo sexo que ficou cunhado o termo homossexualidade.

Para autores como o filósofo Michel Foucault, é exatamente a partir do século XIX, que os indivíduos são marcados pela sociedade como diferentes em decorrência de suas práticas sexuais. (CASTAÑEDA, 2007). Nas palavras de Foucault (2006, p. 50), “o homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida (...) Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade”.

Dentro desta perspectiva, portanto a homossexualidade é uma construção histórica e cultural, tanto nos planos social como individual. Portanto, ela não é um simples dado biológico, absoluto e acabado, mas sim um fenômeno “que se constrói e se expressa por meio da sensibilidade, de um discurso, de um estilo de vida e de uma comunidade que está cada vez mais consciente dela mesma” (CASTAÑEDA, 2007, p. 65). Dessa forma, pode-se falar da emergência de uma identidade *gay*, que traduz não somente determinado comportamento afetivo-erótico-sexual, mas também um estilo de vida, gostos, uma visão de mundo. (CASTAÑEDA, 2007).

Nos últimos anos, a homossexualidade têm sido mais aceita na sociedade ocidental. Ela não é mais considerada uma doença/anormalidade, mostrando que o discurso médico

anteriormente citado já está superado. Porém, embora exista maior aceitação, a homofobia ainda está presente em nossa sociedade. A fim de diminuir o preconceito, há constantes lutas em busca da ampliação dos direitos dos homossexuais. Em alguns países, como a Dinamarca, Suécia e Noruega, a união civil entre pessoas do mesmo sexo já foi legalizada. (Giddens, 2005).

1.2 A construção da identidade sob o ponto de vista desenvolvimentista

A tarefa crucial que se apresenta na adolescência, que pode se estender inclusive na adultez jovem, é a formação de uma identidade. Dentro da perspectiva da psicologia do desenvolvimento clássica, umas das teorias mais famosas que aborda o tema é a formulada por Erick Erikson, sendo o seu conceito de ‘crise de identidade’ o mais conhecido (CLONINGER, 1999). Segundo sua teoria, portanto, a principal tarefa da adolescência seria confrontar a crise de identidade e resolver o conflito *identidade versus confusão de identidade* (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Ainda conforme Erikson (1968, citado por PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006, p. 477), espera-se que com a resolução do conflito, o adolescente “se torne um adulto único com um senso de identidade coerente e um papel valorizado na sociedade”, devendo o adolescente para alcançar tal senso “afirmar e organizar suas habilidades, suas necessidades, seus interesses e seus desejos para que possam ser expressados em um contexto social” (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006, p. 477).

Para resolução do conflito, Erikson aponta para três necessidades essenciais: escolher uma ocupação, obter e adotar valores nos quais acreditar e a partir deles viver, e desenvolver uma identidade sexual satisfatória. Através da resolução do conflito *identidade versus confusão de identidade*, o adolescente alcança a virtude da *fidelidade* (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Aqui, entende-se fidelidade por

“lealdade, fé ou um sentimento de pertencer a alguém a quem se ama ou a amigos e a companheiros. Fidelidade também pode significar identificação com um conjunto de valores, uma ideologia, uma religião, um movimento político, uma busca criativa ou um grupo étnico.” (ÉRIKSON, 1982, citado por PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006, p. 478).

Uma questão importante, igualmente constatada por Erikson, é a que diz respeito às dificuldades que podem aparecer na construção de identidade quando o indivíduo pertence a algum grupo minoritário (CLONINGER, 1999), influenciando na sua visão de si mesmo: “a identificação com um grupo minoritário, quer esteja baseada em diferenças étnicas, raciais ou em alguma outra categoria, como a surdez, pode estar associada a uma auto-estima aumentada ou diminuída em função do grupo em questão ter um valor positivo ou negativo”

(CLONINGER, 1999, p. 156). Estas dificuldades são válidas também para os homossexuais (CLONINGER, 1999), levando à questão de que forma a identificação com um grupo minoritário de valor negativo diante do restante da sociedade pode influenciar negativamente a sua construção de uma identidade satisfatória.

No que se refere especificamente à construção da identidade sexual, faz parte dela a afirmação de uma orientação sexual, processo que inicia-se geralmente na adolescência. A orientação sexual pode ser tanto homossexual, heterossexual e bissexual. (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Porém, a descoberta da orientação proeminentemente homo na adolescência traz conflitivas adicionais ao adolescente, que em contextos mais preconceituosos pode ter mais dificuldades em construir sua identidade sexual satisfatoriamente. (CASTAÑEDA, 2007).

Tendo em vista a atitude negativa em geral da sociedade em relação à homossexualidade, o processo de revelação aberta da orientação homossexual pode ser difícil. (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). King (1996, citado por PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006) aponta quatro estágios em que ocorre a abertura, que podem nunca se realizar plenamente nos indivíduos:

1. *Reconhecimento de ser homossexual*: é o processo que ocorre geralmente na adolescência, ou mesmo na infância, podendo ser solitário, angustiante e doloroso.

2. *Conhecer outros homossexuais*: ocorre os primeiros contatos com outros homossexuais e o estabelecimento de relações afetivo-sexuais. Nesta fase, pode ocorrer uma melhora na auto-imagem e no sentimento de isolamento, graças ao contato com outros homossexuais.

3. *Contar para a família e amigos*. Nem todos os homossexuais chegam a fazer tal revelação, que pode tanto trazer conflito e rejeição, como apoio e solidariedade aprofundados.

4. *Abertura completa*, ou seja, contar para amigos, colegas, no ambiente de trabalho, em todos os contatos sociais do homossexual. Os indivíduos que atingem este estágio harmonizaram-se saudavelmente com sua sexualidade, vendo-a como parte de quem são.

1.3 A aprendizagem social

A aprendizagem social, entendida no *latus sensu*, englobaria todos os tipos e processos de aprendizagem humana, já que todo o processo de construção e fixação de conhecimentos ocorre dentro e é mediado pela cultura, originando-se sempre nos variados contextos de interação social, como o meio familiar ou as instituições (a escola, por exemplo) (POZO, 2002). Entretanto, nesta investigação a aprendizagem social vai ser entendida e abordada, a

fim de explicar os fenômenos investigados, no seu *strictu sensu*. Ou seja, serão abordados aspectos da aprendizagem que têm cunho especificamente sócio-cultural, tanto nos processos, meios e resultados. Dentre estes aspectos, têm-se, por exemplo, a aquisição de habilidades sociais, de atitudes e de representações sociais, e os processos de modelagem. (POZO, 2002).

A aquisição de habilidades sociais, adquiridas de maneira implícita no processo de socialização do indivíduo, é o exemplo mais elementar de aprendizagem social. Estas habilidades dizem respeito à capacidade de enfrentar situações sociais conflitantes ou não habituais, bem como à habilidade em si de se relacionar em sociedade, num sentido mais amplo (POZO, 2002). Bandura (1976, citado por POZO, 2002) aponta que, para a aquisição destas habilidades, um processo associativo de reforçamento não é suficiente, pois ele seria pouco eficaz para a aprendizagem de comportamentos sociais novos. O processo decisivo nesta aquisição, de acordo com o teórico, seria a *modelagem*.

O processo de modelagem tem papel decisivo dentro da teoria da aprendizagem social. A observação da execução de comportamentos por modelos seria o meio de aquisição preponderante de comportamentos, representações sociais e atitudes. É importante frisar que a modelagem não se presta somente para aquisição de novos conteúdos, mas também para inibir ou desinibir determinados comportamentos, através da observação das conseqüências sofridas por este modelo ao tomar determinada atitude/comportamento (POZO, 2002). Afinal, como aponta Bandura (citado por Pozo, 2002), a aprendizagem por observação tem uma função informativa, ou seja, aponta tanto para os comportamentos realizáveis como para as conseqüências destes comportamentos. Dentro desta temática, ainda é importante frisar a maneira contínua e implícita que se dá esse processo de aprendizagem no cotidiano e dentro de determinada cultura, conforme esclarecido pelo teórico da aprendizagem Juan Ignacio Pozo (2002):

“O processo de modelagem ocorre, sem dúvida, de forma contínua em nossa vida social, de forma mais implícita que explícita, especialmente na aquisição de habilidades sociais. A socialização nos expõe a modelos (...) com os quais tendemos a nos identificar e cujas habilidades sociais, sem consciência disso, tendemos a reproduzir. São muitos os códigos sociais implícitos numa cultura, dos quais só tomamos consciência quando mergulhamos em outra cultura distinta”

Além da aquisição de habilidades sociais, existe outro fenômeno importante dentro da aprendizagem social. É a dita aquisição/mudança de atitudes. Nas palavras de Sarabia (1992, citado por POZO, 2002), atitudes seriam “tendências ou disposições adquiridas e relativamente duradouras para avaliar de um modo determinado um objeto, uma pessoa, fato

ou situação e atuar em consonância com essa avaliação”. Elas implicam, ainda, uma “valoração e um conhecimento social” (POZO, 2002). As atitudes são compostas por três dimensões: a comportamental, que diz respeito aos comportamentos executados propriamente ditos; a afetiva, que transparece sentimentos, rejeições, preferências, pré-conceitos; e a cognitiva, que compreende conhecimentos e crenças. A congruência destas três dimensões determinará o quão firme e consistente será determinada atitude. Quando há um desequilíbrio entre os três itens, as atitudes serão mais fáceis de serem modificadas, por terem menor estabilidade. (POZO, 2002).

No que tange ao aprendizado das atitudes, novamente tem-se o papel da modelagem: “por exposição a modelos adquirimos muitas inclinações e aversões, muitos preconceitos e muitas pautas de comportamento” (POZO, 2002). Porém, deve-se fazer uma ressalva, já que não é através de qualquer modelo que tal aprendizagem ocorre, mas sim através de algum com o qual o aprendiz se identifique, com o qual tenha o desejo de compartilhar uma identidade comum. Dessa forma, o processo de aquisição de atitudes tem influência importante na identidade dos indivíduos envolvidos nele (POZO, 2002). Os grupos sociais tem aqui um papel importante, além das instituições sociais, como bem resume Pozo (2002):

“A pertença a um grupo social de referência (...) costuma implicar, além da identificação, processos de *conformidade* à pressão grupal, de forma que a pessoa tende, para manter sua identidade, a conformar-se às normas e atitudes impostas pelo grupo majoritário. (...) As fontes de pressão e influência social, os grupos com os quais podemos nos identificar para que modulem nossas atitudes são, em nossa sociedade da aprendizagem e da informação, mais variados e diversos do que nunca. Nossa identidade social é múltipla. Às instituições tradicionais, que formam boa parte de nossas atitudes, como a família ou a escola, é preciso unir um sem-fim de *lobbys* do conhecimento e do comportamento, que exercem pressão a todo momento para formar nossos comportamentos e representações sociais” (POZO, 2002, p. 196-197).

Por fim, para que ocorra uma mudança de atitudes, faz-se necessário que o indivíduo se submeta a situações em que ocorra um desequilíbrio das três dimensões acima citadas, as chamadas situações de conflito sociocognitivo. Através do conflito, há uma desestabilização das atitudes, o que é de caráter desagradável para o aprendiz, levando-o à reflexão e mudança, a fim de reestabelecer o equilíbrio. (POZO, 2002). A reflexão têm um papel importante aqui, influenciando inclusive na dinâmica das chamadas *representações sociais*.

As representações sociais são “representações culturalmente compartilhadas, modos comuns de ver o mundo e de nos movermos nele” e que “nos permitem prever, controlar e principalmente interpretar a realidade de acordo com a maneira das pessoas que nos rodeiam”

(POZO, 2002, p. 199-200). A função primordial destas representações seria uma simplificação do mundo, uma “metáfora”, a fim de facilitar sua compreensão. Para que ocorra a mudança das representações sociais, é necessário, então, que o indivíduo se dê conta de sua existência, já que a realidade em que ele está imerso seria uma construção, uma metáfora, edificada pelas representações sociais. A necessidade de representações sociais mais complexas a fim de uma melhor compreensão do mundo é o que torna possível o processo de mudança, pois elas muitas vezes são insuficientes para lidar com determinada realidade (POZO, 2002).

1.4 Ideologia, consciência/alienação e ação

De acordo com Pedrinho Guareschi (2005), a Ideologia pode ser entendida sob quatro perspectivas distintas. Na primeira, ela é vista como algo positivo e estático, ou seja, ela é tomada como visão de mundo, aglomerado de valores, idéias, crenças; na segunda, apesar de também ser vista como um conjunto de idéias, valores e crenças, é tomada negativamente, pois estes valores seriam enganadores, reproduzindo relações de dominação. Esta realidade estática criada pela ideologia, seria, em última análise, a realidade criada pela classe dominante a fim de reproduzir as relações de dominação e exploração. Num terceiro sentido, a ideologia é tomada como algo dinâmico e positivo, ou pelo menos neutro, correspondendo à “produção, reprodução e transformação da subjetividade das pessoas” (p. 76) através dos valores a ela atrelados.

O quarto e último sentido, preferido de Guareschi, bem como aquele em que o termo será tomado na presente investigação, considera a ideologia como algo dinâmico e negativo. Aqui, a ideologia também é um conjunto de práticas e estratégias, porém, elas servem para “criar, ou reproduzir, relações desiguais, injustas, de dominação” (GUARESCHI, 2005, p. 77). Ou como a define Thompson (citado por GUARESCHI, 2005, p. 77), ela seria o “emprego (prática) de formas simbólicas para criar e reproduzir relações de dominação”. O entendimento da ideologia por esta perspectiva tem a vantagem de possibilitar, através de uma visão crítica, uma reflexão acerca das relações de dominação que estão sendo legitimadas e possibilitadas pelas idéias e práticas nela contidas. (GUARESCHI, 2005).

Guareschi (2005) traz ainda, em sua reflexão sobre a ideologia, o conceito de naturalização, que seria um dos artifícios para a reprodução de relações de dominação. A naturalização, ou reificação, seria a transformação de um fenômeno cultural em natural. Através desta naturalização dos fenômenos culturais, o indivíduo perde a consciência do caráter histórico-social do fenômeno em questão. (GUARESCHI, 2005; LANE, 1984).

Neste ponto emerge a questão crucial do binômio consciência/alienação. Nas palavras de Lane (1984, p. 42), a alienação

“se caracteriza, ontologicamente, pela atribuição de “naturalidade” aos fatos sociais; esta inversão do humano, do social, do histórico, como manifestação da natureza, faz com que todo conhecimento seja avaliado em termos de verdadeiro ou falso e universal; neste processo a “consciência” é reificada, negando-se como processo, ou seja, mantendo a alienação em relação ao que ele é como pessoa e, conseqüentemente, ao que ele é socialmente.”

O contraponto da alienação seria a consciência. A consciência deve ser entendida em dois níveis distintos. Primeiramente, há a *consciência de classe*, que seria um processo grupal, no qual um grupo de indivíduos conscientes de si se percebem como sujeitos das mesmas contingências sócio-históricas que o colocaram dentro de um mesmo grupo, inserido nas relações de produção da sociedade. A *consciência de classe* é condição necessária para a *consciência de si/social*. No nível individual, “esta consciência se processa transformando tanto as suas ações a ele mesmo; porém, para uma atuação enquanto classe, ele necessariamente deve estar inserido em um grupo que age enquanto tal” (LANE, 1984, p; 42). A consciência social é cabalmente “a consciência que eu tenho de pertença à sociedade em que vivo” (GUARESCHI, 2005, p. 120). O que caracterizaria esta consciência social seria, de acordo com Guareschi (2005, p. 122-123):

“a primeira [característica] (...) é a percepção de que uma sociedade é construída a partir de relações. Enquanto vejo a sociedade como um conjunto de elementos estáticos e imóveis, ou enquanto a vejo apenas no que está aí, vejo apenas uma parte dela, mas não vejo o que falta pra completá-la, isto é, sua dimensão crítica (de que ela tem um outro lado, uma outra face, além da que estou vendo) e histórica (o que já foi, como chegou a ser o que é e as possibilidades de mudança). (...) Uma segunda característica, essa já mais sutil, é a compreensão de que numa sociedade, vista a partir das relações, é impossível não agir, não ter uma prática. Uma consciência autêntica se dá conta disso e, conseqüentemente, vai se ver como sujeito dessas práticas: no rio da história não há contempladores do rio – eu sou o rio. Finalmente, uma terceira característica é a percepção de que minhas ações carregam em si uma ética, isto é, valores e diante deles eu necessito tomar partido; em outras palavras, que é impossível permanecer neutro.”

Por fim, no âmbito da ação, é importante frisar que, o indivíduo, ao se confrontar com o dilema agir/não agir, tem a oportunidade de ampliar sua consciência, se neste confronto houver uma reflexão crítica acerca do agir/não agir e um re-pensamento do feito/não-feito, pensando as conseqüências e percebendo as contradições que ocorreram quando não houve ação, mesmo tendo surgido uma necessidade que levou o individuo ao dilema ação/não ação,

oportunidade em que a não-ação manteve o *status quo*. Essa conscientização é necessária para uma verdadeira ação, que não irá simplesmente reproduzir uma ideologia muitas vezes contraditória com as necessidades individuais. (LANE, 1984).

2 DISCUSSÃO

A minha principal motivação foi construir a minha identidade. Esse foi o meu ponto chave. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. S., 24 ANOS)

A colocação acima, feita por um dos ativistas, é ilustrativa de uma questão central que apareceu no plano individual, no contexto de inserção no ativismo GLBT: a construção de identidade e, mais especificamente, de uma identidade gay. Tal questão é recorrente em todas as enquetes realizadas.

De acordo com Erikson, para se obter uma identidade satisfatória, é necessária a congruência de três aspectos: uma escolha ocupacional, uma adoção de valores através dos quais viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual. (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Estes três aspectos foram mencionados de diferentes formas nas falas dos protagonistas deste estudo. A escolha ocupacional equivale ao comprometimento com o trabalho na militância. Já a questão de adoção de valores aparece mais nitidamente, sendo recorrente nos depoimentos. Como, por exemplo, nas motivações de P. R. e R. S. para ingressar na militância:

Em primeiro lugar uma questão de convicção, podia dizer que uma convicção política, não no sentido político partidário, mas no sentido de uma crença profunda. Eu... eu não acredito... eu não acredito em... em desigualdade justificável. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA P. R., 22 ANOS)

Eu não acredito numa sociedade aonde as pessoas sejam diferenciadas entre homens e mulheres, negros e brancos, homos e heteros, eu acredito numa sociedade onde todos sejam vistos enquanto seres humanos, entendeu? (DEPOIMENTO DO ATIVISTA R. S., 27 ANOS)

A questão da identidade sexual também aparece inscrita juntamente com o ingresso na militância. Tal ligação aparece mais claramente no depoimento de C. G. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA C. G., 25 ANOS), em que ele fala, ao ser inquirido sobre as motivações para o ingresso na militância, sobre a questão da sua própria sexualidade e de seu primeiro relacionamento, e de como a análise destas questões poderiam beneficiar a outros. Em outro depoimento, L. Z. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. Z., 24 ANOS) coloca que passou por mudanças em sua relação com seu corpo e com sua sexualidade. Por fim, todos os entrevistados não escondem sua sexualidade, indício portanto de uma construção/definição de

uma identidade sexual fortalecida.

É importante ressaltar, porém, as especificidades da construção de uma identidade pelas quais passam os jovens de orientação homossexual. Seguindo o depoimento do militante I.S. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. S., 24 ANOS), ele aponta para o fato das dificuldades e angústias enfrentadas pelo fato de descobrir-se homossexual. É oportuno neste ponto lembrar o postulado na teoria de Erikson, principalmente no que se refere às dificuldades adicionais encontradas por um grupo minoritário na construção de sua identidade, sendo que o fato do indivíduo pertencer a um grupo minoritário visto negativamente pelo restante da sociedade, acarretaria em uma baixa auto-estima. (CLONINGER, 1999). Dessa forma, aparece neste e noutros depoimentos as dificuldades enfrentadas na construção de uma identidade, por estarem inseridos nesta minoria discriminada. Mas, além disso, aparece também o ativismo GLBT como importante maneira de, além de ajudar na construção de uma identidade satisfatória, concretizar uma melhoria na auto-estima dos participantes. Tal fato ficou claro, por exemplo, no depoimento de P. R.: “[o trabalho na militância] me proporcionou uma auto-estima, um aumento de auto-estima muito, muito bom” (DEPOIMENTO DO ATIVISTA P. R., 22 ANOS). A militância emerge, portanto, como função dupla, pois ao mesmo tempo em que ajuda na construção de identidade dos participantes, ela serve ainda de instrumento para subversão do *status quo*, buscando alterar as contingências que levam à baixa auto-estima da minoria em questão.

Com a resolução do conflito *identidade versus confusão de identidade*, obtêm-se a virtude da fidelidade, que pode referir-se à identificação e sentimento de pertencimento a determinado grupo e luta política (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006). Pode-se pensar que há indícios desta fidelidade em todos os depoimentos, já que fica claro nas falas uma posição política adotada pelos participantes, comprometidos em alterar o *status quo*, guiados por seus valores pessoais.

Como reflexo desta identidade construída e fortalecida, os ativistas entrevistados encontram-se claramente no quarto estágio descrito por King (1996, citado por PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2006), no qual há a *abertura completa*, ou seja, o indivíduo harmoniza-se completamente com a sua sexualidade, aceitando-a como parte de quem ele é, além de afirmando publicamente sua identidade.

(...) a capacidade de entender o significado do respeito. E de que é respeito, conseguir respeito, ter uma postura... mostra a cara, sem vergonha. Então, não ter vergonha de quem eu sou (...) ajudar as outras pessoas a entenderem que elas não têm que ter vergonha de quem elas são, não ter vergonha de quem elas amam e... e essa foi a maior lição. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA P. R., 22 ANOS)

Pode-se pensar que, no aumento de auto-estima anteriormente citado, há a colaboração de processos de aprendizagem. Para esta parte da discussão serão retomados, portanto, alguns conceitos da aprendizagem social, trazidos na fundamentação teórica.

A modelagem aparece como mecanismo de grande importância no processo de aprendizagem social. Através de modelos, as pessoas aprendem novas atitudes, habilidades sociais e representações sociais (POZO, 2002). Os modelos dos participantes não foram mencionados nitidamente em todas as enquetes. O que apareceu mais preponderantemente foi o papel do grupo social, aí compreendendo tanto amigos próximos como colegas de ativismo, servindo de modelo. Possibilidade que é prevista na teoria da aprendizagem social, de acordo com Pozo (2002). No depoimento de C. G. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA C. G., 25 ANOS), por exemplo, aparece bem a questão da influência do grupo servindo de modelo e suporte.

A colaboração dos grupos sociais é importante para o processo de mudança de atitudes. As atitudes seriam formas adquiridas e duradouras de avaliar determinado objeto/pessoa/situação, formas estas permeadas por um conjunto de valores do indivíduo. Estas atitudes seriam de importância fundamental para a construção da identidade, bem como das aversões/preconceitos do indivíduo (POZO, 2002). Dentro do contexto das falas dos participantes, portanto, pode-se pensar que houve, necessariamente, uma mudança de atitudes, que auxiliou na entrada na militância. No depoimento de P. R., por exemplo, aparece a inserção num grupo ativista como determinante na sua mudança de atitude diante da homossexualidade:

“pra levantar pra conseguir visibilidade e pras pessoas desse nosso grupo foi uma batalha muito grande, porque éramos todos criados numa tradição de... de castração, assim, castração de sexualidade, de sentimento, e que dirá de homossexualidade. Então... então foi um processo longo (...)”
(DEPOIMENTO DO ATIVISTA P. R., 22 ANOS).

Reiteradas vezes em seu depoimento, P. R. destaca que esta mudança foi um processo grupal. Pozo (2002) coloca exatamente a importância do grupo com o qual o indivíduo se identifica para a mudança de atitudes, num processo que ele chama de conformidade à pressão grupal, moldando às atitudes do indivíduo e construindo sua identidade. Porém, Pozo (2002) destaca que não é qualquer grupo/pessoa que irá servir de modelo, mas sim com algum que o indivíduo se identifique e deseje partilhar uma identidade comum. A família, certamente, seria um desses grupos, exercendo a pressão de conformidade antes referida. No entanto, nos depoimentos, apareceram nas falas de dois ativistas as dificuldades enfrentadas no contexto familiar, que teria uma visão negativa da homossexualidade. Pode-se pensar que tal fato tenha

causado um conflito sócio-cognitivo, definido por Pozo (2002) como uma situação de incongruência entre os níveis cognitivo, comportamental e afetivo das atitudes. Há uma tendência dos indivíduos a resolverem o conflito, já que este é desagradável ao indivíduo, buscando um maior equilíbrio entre as três dimensões através duma mudança de atitudes (POZO, 2002). É o que aparece no depoimento citado acima, onde os desejos e sentimentos (dimensão afetiva) não correspondiam com a representação da homossexualidade aprendida com a família e contexto social (dimensão cognitiva), ocasionando certamente dificuldades na dimensão comportamental. O grupo parece ter servido, portanto, como catalisador deste processo de mudança de atitudes em P. R., colaborando para um maior equilíbrio entre as três dimensões.

A mesma situação de desequilíbrio aparece de forma semelhante no depoimento de I. S. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. S., 24 ANOS), onde relata suas dificuldades em lidar com sua homossexualidade, pois descendia de família tradicionalista, podendo-se inferir a partir daí um conflito entre os valores familiares e os sentimentos de I. S. No decorrer do depoimento, aparece a questão do grupo, tanto de militância como seus primeiros relacionamentos com outros gays, como de importância para resolução do conflito.

Os conflitos sócio-cognitivos levam o indivíduo à reflexão, a fim de ajudá-los em sua resolução. Esta reflexão tem papel importante na dinâmica das representações sociais (POZO, 2002). Pode-se observar esta reflexão e conseqüente alteração nas representações sociais nos seguintes depoimentos:

Eu nunca tinha visto gay casado, assim na minha vida, e tipo aqui tinha né? Tem de novo né? (...) Eu acho que também assim, aqui o [nome de ONG] me ajudou a desmistificar um monte de coisa. (...) Mas eu lembro que quando eu cheguei aqui eu fiquei muito encantado assim com isso assim, com essa 'ah, dá pra ser assim', sabe? Eu pensava que era de um jeito mas dava pra ser assim. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA C. G., 25 ANOS)

... eu comecei a perceber que tinha... eu nunca tinha me dado conta disso, aqui dentro eu comecei a ver, e também por causa da disputa com o [nome de ONG], eu comecei a ver que tinha... que não era todo, as bixas não eram iguais, entende? Elas não eram iguais. Tem bixa e tem bixa. Tem gay, tem homossexual, tem viado, tem puto e tem bixa, não é à toa que tem cinco palavras pra descrever teoricamente a mesma coisa. (...) Com isso, eu vi que eu não era padrão pra nada, eu comecei a perceber que é... que existe muita injustiça assim, praticamente falando. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. Z., 24 ANOS)

Nos trechos acima, infere-se um processo de reflexão e conseqüente mudanças na representação social que estes ativistas tinham da homossexualidade e dos homossexuais, num sentido amplo. Num sentido restrito, o primeiro diz respeito à representação social das

relações homossexuais; o segundo, à representação social do que é ser gay. Nos dois exemplos acima citados e nos exemplos anteriores, aparece a inserção na militância como forma de reflexão e mudança de atitudes e representações sociais, ou seja, como propiciadora de processos de aprendizagem. A diferença sutil, porém, entre os dois exemplos acima, e os referidos anteriormente, é que, naqueles, o conflito já estava instaurado antes da entrada na militância, servindo ela como suporte à sua resolução; enquanto que nestes, não foi manifestada uma existência de conflito anterior, sendo a inserção na militância o estopim para o processo de reflexão/mudança. Houve, por fim, uma complexificação das representações sociais, já que as representações anteriores eram, provavelmente, insuficientes para lidar com a nova realidade, no caso, o contexto do ativismo e as novas relações sociais dele decorrentes.

Dentro de uma perspectiva social, a inserção na militância possibilitou ainda uma maior conscientização por parte dos ativistas. Retomando a conceituação de Lane (1984), temos dois níveis de consciência: a consciência de classe e a consciência social. Na consciência de classe, um grupo de indivíduos conscientes de si se percebem como sujeitos das mesmas contingências sócio-históricas que o colocaram dentro de um mesmo grupo, inserido nas relações de produção da sociedade. Tal consciência se percebe nos participantes, já que se dão conta da diferenciação que ocorre na sociedade entre a orientação sexual das pessoas e as relações de poder que isso implica. Além disso, os participantes agem enquanto classe, de acordo com a postulação de Lane (1984), já que estão inseridos em um grupo que age enquanto tal, no caso, as diferentes ONG's, procurando reverter as relações de poder assimétricas existentes na sociedade:

Eu... eu não acredito... eu não acredito em... em desigualdade justificável. Então isso uniu muito essas pessoas que formaram o [nome de ONG], formam o [nome de ONG] hoje. A gente não acredita que Deus faz distinção de pessoa, e isso a gente aprendeu fora do contexto LGBT. Então isso diz respeito à classe, à cor da pele, à gênero, à tudo, só que por acaso nós éramos gays e lésbicas e tínhamos essa mesma crença, então... a verdade é que ninguém vai levar essa bandeira por nós, a gente tem que meter a cara e fazer. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA P. R., 22 ANOS)

Isso me levou a militar. Mas, em si, uma questão de sociedade, de mudança de sociedade, entre ricos e pobres, entre questões de classes que me levou a militar dentro do movimento estudantil, dentro do movimento GLBT. E hoje, até hoje, ainda milito no movimento estudantil. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA R. S., 27 ANOS)

Por exemplo, se por uma eventualidade te perguntam por que tu é gay, constitucionalmente tu perde 37 direitos. 37 direitos não te contemplam se tu te coloca enquanto homossexual. Tu perde em relação àqueles que são heterossexuais ou pelo menos não se dizem homossexuais. E isso é um problema. (...) E essas, esses, que se dizem gays, qual é a minha semelhança

com eles? Pô, eu também me sinto, no dever até, de lutar pelo direito dessas pessoas, porque eu me vejo, eu me sinto, um igual até certo ponto... em relação a eles. E eu acho que eu tenho que lutar sim pelo fato, pelo direito dessas pessoas existirem e de ocuparem um lugar público! Então, a minha motivação, foi dessa ordem, de tá dentro da militância, de tá dentro de uma ong, e de ver casos específicos em que direitos eram violados, dependendo de quem era, daonde vinha a reivindicação. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA C. G., 25 ANOS)

Nas falas acima, além da consciência de classe, já podemos entrever a outra dimensão da consciência apontada por Lane (1984): a consciência social. No depoimento de L. Z. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. Z., 24 ANOS), por exemplo, pode-se entrever um entendimento da sociedade em suas relações, tal como coloca Pedrinho Guareschi (2005), já que L. Z. é consciente das relações de poder que se estabelecem, ou seja, o outro lado que não é mostrado imediatamente, mas que emerge pelo olhar crítico. Tem consciência, ainda, que seus atos implicam uma ética, sendo impossível a neutralidade, ou seja, ele estabelece alguns valores que o guiam em sua ação, que estão implícitos e em alguns momentos explícitos em todo seu depoimento. Por fim, sente-se impelido a agir, o que demonstra a sua consciência de ser “agente” (palavra que ele mesmo utiliza em sua fala), não um mero espectador da história. Ter consciência de fazer parte do rio da história, não meramente vê-lo passar, utilizando-se a metáfora de Pedrinho Guareschi (2005).

Deve-se fazer uma ressalva no entanto. Através do depoimento de R. S. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA R. S., 27 ANOS), percebe-se claramente um processo de conscientização anterior ao ingresso na militância GLBT propriamente dita, fato que não apareceu nos outros depoimentos.

A exceção acima apontada, no entanto, não torna infundadas as inferências anteriores, relativas aos outros depoimentos. Porém, a questão do fator desencadeador da tomada de consciência ainda não está clara. A fim de elucidar esta questão, pode-se partir para a questão da reflexão acerca da ação/não-ação e feito/não feito, em natureza de hipótese, considerando a teorização de Lane (1984). Tomando por exemplo a fala de I. S.:

Olha, eu nunca participei porque eu sempre fui uma pessoa muito submissa à família. Depois eu cheguei e disse ‘Não, chegô, não quero mais, não quero mais este tipo de coisa’. Então... eu nunca tinha pensado, e hoje eu participo da militância no [nome de ONG] e eu apóio ele na política do [NOME DE PARTIDO POLÍTICO], da candidatura dele e participo do movimento de direitos humanos do [NOME DE PARTIDO POLÍTICO], núcleo da classe, da corrente socialista dos trabalhadores, então me abriu brechas para outros lados sociais. (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. S., 24 ANOS)

Pode-se pensar, através do depoimento acima, que I. S. deve ter passado por alguma

reflexão, ocasionada possivelmente por uma situação de conflito sóciocognitivo, tal como abordado anteriormente na presente discussão. Essa reflexão pode tê-lo levado (e muito possivelmente levou) à reflexão acerca dos seus atos não realizados anteriormente, que mantiveram um estado de coisas desfavorável e angustiante para ele. Uma não ação reprodutora de ideologia, nas palavras de Lane (1984). Quando I. S. toma a resolução de alterar seu curso de ações – “Não, chegô, não quero mais, não quero mais este tipo de coisa” (DEPOIMENTO DO ATIVISTA I. S., 24 ANOS) –, ele passa a ter uma verdadeira ação, que não apenas reproduz uma ideologia muitas vezes conflitante com as necessidades individuais, mas que têm por objetivo a subversão do *status quo* e alívio dessas contradições (LANE, 1984). Outro fator para conscientização que depreende-se do exemplo acima, é a influência decisiva da inserção num grupo social e, mais especificamente, inserção neste grupo enquanto classe, ou seja, estar inserido em um grupo que se identifica como receptáculo das mesmas contingências históricas e sociais, a consciência de classe portanto, condição necessária para a consciência social. (LANE, 1984).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o aumento da visibilidade do movimento GLBT, principalmente com o advento das Paradas do Orgulho GLBT nos últimos anos, faz-se necessária uma aproximação a estes movimentos e, mais especificamente, a seus protagonistas, ou seja, os ativistas.

Com esta proposta, o presente trabalho propôs-se a investigar os processos de aprendizagem, conscientização e construção de identidades envolvidos no ingresso destes protagonistas dentro dos movimentos sociais pró-GLBT's. Através das enquetes realizadas, foi possível efetuar esta investigação aproximativa, que trouxe contundentes histórias de vida, sentimentos, processos de mudança, trabalho e conscientização destes ativistas.

Por tratar-se de um trabalho aproximativo à temática de caráter estritamente qualitativo, não é possível tirar conclusões amplas, fora do contexto das enquetes realizadas com os cinco ativistas participantes. No entanto, este trabalho é um estímulo à reflexão e uma introdução dentro deste universo particular.

Foram observados alguns pontos comum nos relatos de todos os entrevistados, o que leva à hipótese de que tais dados possam transparecer características e fatos amplos do processo de ingresso/trabalho no ativismo GLBT. Dentre estes fatores comum, temos a ligação indissociável entre o trabalho na militância e a (re)construção da identidade; o aumento da auto-estima dos participantes; por fim, uma conscientização social destes ativistas, aguçada pelo trabalho dentro do ativismo, mas sem a qual o ingresso seria impossível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência Homossexual**. São Paulo: A girafa editora, 2007. 327 p.

CLONINGER, Susan C. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 625p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2006. 176 p.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa : FCG, 2004. 725 p.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia social crítica: como prática de libertação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. 139 p.

LANE, Silvia T. Maurer. Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 888p.

PARADA gay bate recorde, dizem organizadores. **FOLHA ONLINE**. São Paulo, 10 jun. 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u303251.shtml>. Acessado em: 02/09/2007.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1999. 420 p.